

SIMPÓSIO AT053

A ESCOLARIZAÇÃO DE TEXTOS PRODUZIDOS NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DE CASO

SILVA, Elizabeth Maria da
Universidade Federal de Campina Grande
professoraelizabethsilva@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, objetiva-se investigar os contextos de produção e circulação de textos produzidos por estudantes de um curso de Psicologia ofertado por uma universidade brasileira. Ancora-se nos pressupostos teórico-metodológicos norteadores dos Novos Estudos do Letramento, da abordagem dos Letramentos Acadêmicos e da abordagem qualitativa de pesquisa. Compartilha também de alguns princípios da perspectiva etnográfica como basilares para a realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes. Além das entrevistas, o *corpus* contempla exemplares de textos produzidos pelos entrevistados. A exploração de tais fontes de dados evidencia que os contextos de produção e circulação dos textos exigidos no âmbito investigado estão alinhados, com diferentes nuances, a uma prática de letramento escolarizada. Os relatos dos estudantes sinalizam que os textos por eles produzidos, ainda que nomeados com termos que remetem a diferentes gêneros do discurso, são transformados em objetos de ensino, quando introduzidos nas aulas. Ante a esses resultados, conclui-se que a escolarização dos textos, tanto na escola quanto na universidade, é inevitável. Não é, por si só, algo negativo. Entretanto, o modo pelo qual essa escolarização acontece merece investigação e reflexão.

Palavras-chave: Ensino superior; Escrita; Práticas de letramento; Escolarização

Abstract: In this work, the objective is to investigate the contexts of production and circulation of texts produced by students of a Psychology course offered by a Brazilian university. It is anchored in the theoretical-methodological assumptions guiding the New Studies of Literature, the approach of Academic Literacies and the qualitative approach of research. It also shares some principles of the ethnographic perspective as the basis for conducting semi-structured interviews with the participants. In addition to the interviews, the corpus includes copies of texts produced by the interviewees. The exploitation of such data sources shows that the contexts of production and circulation of the texts required in the scope of the investigation are aligned, with different nuances, to a schooling practice. The students' reports indicate that the texts produced by them, even if they are named in terms that refer to different genres of discourse, are transformed into teaching objects when introduced in class. Faced with these results, it is concluded that the schooling of texts, both at school and at university, is inevitable. It is not, in itself, a negative thing. However, the way in which this schooling takes place deserves investigation and reflection.

Keywords: Higher education; Writing; Literacy practices; Schooling

Introdução

Pesquisas desenvolvidas na educação básica brasileira têm evidenciado que textos produzidos em diferentes esferas sociais, cumprindo determinadas funções, direcionados para dado público potencial, ao serem contemplados em livros didáticos ou introduzidos nas salas de aula, se transformam em objetos de ensino (BUNZEN, 2007; ROSSI, 2010; SOARES, 2011). Marcuschi (2001, p. 65-66) fortalece essa constatação, ao afirmar que, na escola, “[...] o texto tem como leitor privilegiado o professor, circula apenas no espaço escolar; tem por objetivo demonstrar ao leitor (o professor), que seu autor (o aluno) realizou a aprendizagem requerida [...] e, portanto, merece ser bem avaliado”. Segundo a pesquisadora brasileira, “esse formato das tarefas leva o aluno a elaborar um ‘texto escolarizado’” (MARSCUSCHI, 2001, p. 66).

Essa discussão, no âmbito da educação básica, acerca do processo de escolarização de textos introduzidos em sala de aula, me fez pensar na educação superior: como as situações de produção e circulação de textos escritos em disciplinas de cursos de graduação são caracterizadas pelos seus participantes? A que práticas de letramento essas situações estão ligadas? Nesse sentido, objetivo, neste artigo, investigar características dos contextos de produção e circulação de textos produzidos por estudantes do curso de Psicologia ofertado por uma universidade brasileira.

Para tal, analiso eventos de letramento (STREET, 2001) que integram um banco de dados construído por meio do desenvolvimento de uma pesquisa de abordagem etnográfica (HEATH; STREET, 2009) sobre significados dos letramentos acadêmicos em contextos específicos. Considerando o objetivo traçado, exploro registros de transcrição de entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes do curso de Psicologia¹, os quais são examinados com base em pistas de contextualização (GUMPERZ, 2002 [1982], p. 149) e escolhas discursivas (IVANIC, 1994) usadas pelos participantes da investigação.

¹ Informo que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE 39898414.4.0000.5149).

1. Novos Estudos do Letramento

A pesquisa desenvolvida está situada no campo da Linguística Aplicada, particularmente na área dos Novos Estudos do Letramento – NEL (STREET, 1993, 2003). Conforme as premissas dessa corrente de estudo, a escrita é vista como uma prática social e situada, cujos significados são dependentes dos contextos específicos em que aparece. A escolha por essa concepção de escrita permite-me explorar, de modo situado, as condições de produção e circulação de textos demandados no curso específico focalizado.

Tal visão sobre a escrita aponta para outro conceito construído no âmbito dos NEL, o de práticas de letramento. Segundo Street (2013), as práticas de letramento relacionam-se a questões que envolvem crenças, valores, atitudes, sentimentos e relações culturais e sociais subjacentes às maneiras pelas quais as pessoas lidam com a leitura e a escrita. Para compreendê-las, é necessário observar que relações os participantes de um dado contexto cultural estabelecem com a leitura e a escrita, que significados eles constroem nessa relação, como eles pensam sobre esse processo, como eles atuam. Esse conceito é basilar para meu estudo, porque, ao explorar as experiências de escrita relatadas pelos participantes da pesquisa, busco observar, com base nos registros de transcrição das entrevistas realizadas, a que práticas de letramento essas experiências poderiam estar relacionadas.

Por fim, outro conceito que também fundamenta a análise dos dados é o de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003 [1952-1953]), particularmente a relação entre os textos a eles pertencentes e as condições de produção e circulação nas quais se configuram. De acordo com Bakhtin (2003 [1952-1953]), o que define o gênero é a situação social de interação da qual emerge, e não a sua forma. Assim sendo, faz-se necessário considerar os elementos que constituem essa situação – quem fala/escreve, para quem, com que objetivo, por que, que papéis sociais são assumidos por quem fala/escreve e por aquele a quem se dirige. Tentei fazer isso, ao examinar o que e como se escreve no curso investigado neste artigo, conforme consta da próxima seção.

2. Escolarização de textos no curso de Psicologia

Nesta seção, examino as condições de produção da escrita no curso de Psicologia da universidade pesquisada, a partir das perspectivas dos próprios estudantes desses cursos. Focalizo especificamente o que, para quê, para quem e como eles escreviam seus textos. Para tanto, exploro dois eventos de letramento: um sobre a produção de fichamentos e o outro, de um artigo científico.

A seguir, apresento um trecho do relato feito por Bruno sobre suas experiências com a escrita de textos pertencentes ao gênero “fichamento”:

B (Bruno): [...] O benDlto do fichamento que você ((aluno)) tinha que fazer. Por exemplo (+), você tinha um capítulo de um livro. Você tinha que fichar o capítulo daquele livro. O professor de Psicopatologia adoRAva fazer isso. Era um livro de uns 15, 20 capítulos. Você tinha que fazer o fichamento de TODOS eles. Faz o fichamento pro/vamos supor, na semana que vem, é o capítulo cinco. Você vai lá ((na aula)) e entrega ((para o professor)) o fichamento do capítulo cinco pra gente poder discutir em aula, pra o professor entender que você ((aluno)) leu. Eh (+), um dos métodos que ele utilizava pra verificar o aprendizado dos alunos é fazendo fichamento de:, de capítulos dos livros. Como:: era uma atividade que foi:, que foi avaliati:va, eu não podia descartá-la.

(Entrevista, Bruno, 2015)

No fragmento apresentado, Bruno descreve como havia sido sua experiência com a produção de textos que ele nomeou de “fichamentos”. Segundo ele, o professor da disciplina Psicopatologia exigia dos estudantes o fichamento de “TODOS” os capítulos indicados para leitura e discussão em sala de aula, a fim de “entender que você ((aluno)) leu”, “Eh (+), um dos métodos que ele utilizava pra verificar o aprendizado dos alunos”. Esses objetivos, introduzidos pelos verbos “entender” e “verificar”, sugerem que a produção dos “fichamentos” funciona como um trabalho escolar: texto demandado pelo professor aos seus alunos, a fim de avaliar a construção desses conhecimentos e sua aprendizagem. No caso dos “fichamentos” referidos por Bruno, o autor é o próprio aluno, referido a partir da utilização do pronome “você”; o leitor é o professor – “Você vai lá ((na aula)) e entrega ((para o professor)) o fichamento”

–; a finalidade da produção é a de que o docente tenha um suposto controle da leitura feita pelos estudantes – “*entender que você leu*” –; a justificativa para a solicitação é de natureza avaliativa – “*era uma atividade que foi; que foi avaliati:va*”. A escolha do substantivo “atividade” como sinônimo de “fichamento” confirma a natureza desse texto: um trabalho escolar. Tendo em vista o reconhecimento de que o “fichamento” seria alvo da avaliação do docente, Bruno e os demais colegas de turma sentiram-se obrigados a fazê-lo, conforme sugerem a repetição da assertiva “*você tinha que fazer*” e a constatação de que “*eu não podia descartá-la [a atividade]*”. Eles sabiam que, caso não o fizessem, poderiam ser penalizados, ao final do período letivo, pois, para serem aprovados na disciplina, deveriam obter pontuação mínima estipulada pelo regimento interno da instituição da qual faziam parte.

Nesse relato do estudante de Psicologia, o “fichamento” funciona, assim, como uma ferramenta pedagógica e avaliativa (DIONÍSIO; FISCHER, 2010), com foco no processo de sumarização de ideias de textos-fonte, embora existam outros contextos de produção desse gênero, recuperados na maioria dos livros de Metodologia de Pesquisa. Medeiros (2009), por exemplo, apresenta o fichamento como um dos instrumentos ao qual um estudioso recorre, no momento de escrever determinado trabalho científico. Ele o produz com o objetivo de registrar ideias apresentadas no texto-alvo as quais poderão ser utilizadas, quando ele for escrever esse seu trabalho.

Há também os casos em que os próprios gêneros científicos funcionam como ferramentas pedagógicas, conforme percebi, ao explorar algumas falas dos participantes da pesquisa, quando descreviam suas experiências com a produção de “artigo acadêmico”, a exemplo do trecho a seguir:

D (Dayse): [...] ao longo do pro:, ao longo:/todo semestre ((letivo do curso)), tinha, pelo menos, um professor que pedia um trabalho final de:, de: um artigo, um texto grande, mais artigo ((acadêmico)), né? E:/ mas nunca chegou e falou: “olha, é assim que se constrói um artigo”. Nunca chegou pra dizer isso.

/.../

P: E: pra quê vocês produziam estes artigos?

D: Ah! ((risos)) só pra o professor pegar e ler, assim (+). Eh (+), é mais pra o professor avaliar alguma coisa, ter um trabalho final pra ele, assim.

(Entrevista, Dayse, 2015)

Embora os artigos científicos sejam produzidos, na comunidade científica, “com o objetivo de publicar, em periódicos especializados, os resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre um tema específico” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 65), o que foi produzido por Dayse funciona, no contexto descrito por ela, como uma ferramenta pedagógica, com caráter avaliativo, pois foi requerido a fim de que o professor pudesse avaliar o processo de aprendizagem dos estudantes, no decorrer da disciplina em que fora demandado.

No trecho exposto, há pelo menos quatro escolhas discursivas que evidenciam essa constatação. Primeira, em dois momentos, Dayse utiliza o termo “trabalho final” como sinônimo de “artigo”, sugerindo que o professor havia exigido um trabalho, um texto que seria alvo de avaliação, sendo nomeado naquele contexto de “artigo”. Segunda, a estudante situa quando seu texto é exigido – “*todo semestre ((letivo do curso))*”. A demanda de textos, ao final de semestres letivos, é esperada nos contextos de ensino, visto que a avaliação do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes é indispensável, dada a exigência institucional de mensurar o rendimento dos estudos dos alunos, ao longo da disciplina cursada. Terceira, Dayse menciona quem solicita a produção, o professor, cujas ações são: (1) pedir o texto – “*um professor que pedia um trabalho final*” – e (2) avaliá-lo – “*professor avaliar alguma coisa*”. Quarta e última, ela cita a finalidade da produção do “artigo” – “*professor avaliar alguma coisa, ter um trabalho final pra ele, assim*”. As escolhas discursivas “avaliar” e “ter um trabalho final” sugerem o reconhecimento da estudante de que o objetivo da escrita do “artigo” é avaliativo. Ela deveria produzi-lo a fim de atender às exigências institucionais que incumbem o professor de avaliar provas ou trabalhos produzidos pelos seus alunos com vistas a averiguar o nível de aprendizagem deles. Soma-se a essa escolha discursiva uma pista de contextualização que evidencia as práticas de letramento escolarizadas: os risos da estudante, quando indagada para quem o seu professor solicitava o artigo. Os risos dela parecem sugerir que a resposta para a pergunta era óbvia: professor pedia artigo para ter algo para avaliar. Como estão inseridos em um contexto de

educação formal, é preciso avaliar a aprendizagem dos alunos, logo, os textos solicitados servem, de forma geral, como trabalhos a serem avaliados.

Considerações finais

Os resultados alcançados no estudo indicam que, no contexto investigado, os significados da escrita estão atrelados ao contexto escolar universitário. A escolarização de textos pertencentes a gêneros de discurso está presente no ensino superior, assim como na educação básica. A produção de trabalhos escolares é uma das práticas letradas presentes não só nesta, mas também naquele. Trata-se de uma prática não apenas presente, mas também necessária, relevante e esperada nesse contexto específico e situado que é o de uma instituição formal de ensino. Não é possível pensar, inclusive, em uma pedagogia de formação universitária sem a permanente transformação dos textos em objetos de ensino e aprendizagem. No entanto, é necessário continuar investigando os modos pelos quais essa escolarização acontece na universidade. Parece-me que a adoção de uma abordagem reflexiva é uma alternativa pedagógica viável para a ampliação dos letramentos acadêmicos de estudantes e professores.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-1953].

BUNZEN, C. O tratamento da diversidade textual nos livros didáticos de português: como fica a questão dos gêneros? In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B. (org.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 43-58.

DIONÍSIO, M. L.; FISCHER, A. Literacia(s) no Ensino Superior: Configurações em Práticas de Investigação. In: CONGRESSO IBÉRICO ENSINO SUPERIOR EM MUDANÇA: TENSÕES E POSSIBILIDADES, 2010, Braga. [Actas...] Braga: Universidade do Minho. CIED, 2010. p. 289-300.

GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (org.). Tradução de José Luiz Meurer e Viviane Heberle. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1982]. p. 149-182.

HEATH, S. B.; STREET, B. **On ethnography**: approaches to language and literacy research. New York: Teachers College Press, 2009.

IVANIC, R. It is for interpersonal: discursual construction of writer identities and the teaching of writing. **Linguistics and Education**, v. 6, n. 1, p. 3-15, 1994.

MARCUSCHI, B. Redação escolar, que há num texto? **Investigações, Linguística e Teoria Literária**, Recife, v. 13, p.173-185, dez. 2001.

MEDEIROS, J. B. Fichamento. In: **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p.101-122.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. H. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROSSI, M. A. L. **O processo de escolarização dos diferentes gêneros textuais observado nas práticas de ensino de leitura**. 2010. 196 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2010.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (org.). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

STREET, B. (org.). Introduction: the new literacy Studies. In: _____. **Cross Cultural Approaches to Literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. Literacy events and literacy practices: theory and practice in the New Literacy Studies. In: MARTIN-JONES, M.; JONES, K. E. (org.). **Multilingual Literacy**: reading and writing different worlds. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2001. p. 17-29.

_____. What's "New" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, Teachers College, Columbia, University, v. 5, n. 2, p. 77-91, May. 2003.

_____. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. **Cad. CEDES**, Campinas, v.33 n. 89, p. 51-71. jan./abril, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622013000100004>. Acesso em: 20 jun. 2017.